

José Luís Mendonça

Um  
Pássaro  
na  
Lua

FICÇÃO · ROMANCE

*A Mário Pinto de Andrade,  
político sem apego ao poder,*

e

*Ricardo de Mello,  
mártir da liberdade de imprensa.*

# Índice

I – Os céus e a terra . . . . .	11
II – Um pássaro na lua . . . . .	19
III – A maldição de Ngandu . . . . .	35
IV – As buganvílias da paz . . . . .	43
V – A tentação de Sissi . . . . .	51
VI – O comba do meu pai . . . . .	69
VII – O poder da mente . . . . .	81
VIII – Anjo carnal . . . . .	91
IX – O espelho de Sissi . . . . .	.101
X – Sana, zungueira de sonhos . . . . .	.113
XI – Papagaios de papel . . . . .	.127
XII – Eu, presidente . . . . .	.135
XIII – Um país para cada criança. . . . .	.151
Do Autor e Seus Andaimos . . . . .	.161
Bibliografia . . . . .	.163

# I – OS CÉUS E A TERRA

1. Sou o cidadão mais mediático do país. Sou o presidente. Quase todos os dias apareço na televisão pública. Mas, antes de me tornar o mais alto mandatário da república, eu era uma figura esfero-rectangular, só peito, barriga e dois metros de cabelo encaracolado na cabeça, dependendo de uma assistente a tempo inteiro. Era uma prisão dentro de mim. Vezes havia que me dava uma vontade inaudita e irreprimível de gritar. Mas como gritar, se não tinha adquirido o dom natural da fala?

Melhor ter nascido maluco.

2. Talvez ter nascido cão. Pássaro. Abelha. Marimbondo<sup>1</sup>. Ou gato, sujeito capaz de incendiar a madrugada com gemidos lancinantes. Quando candengue<sup>2</sup>, não podia brincar com as outras crianças. Aos quatro anitos, recostavam-me numa cadeira almofadada, para ver os meus irmãos brincarem no quintal, debaixo da velha mulemba<sup>3</sup>. O meu pai construiu a nossa casa no tempo colonial, coberta de telha, no bairro Maculusso, um hectare de terra com trinta e cinco mangueiras, dois sape-sapeiros, a mulemba já lá estava no terreno, uma

---

<sup>1</sup> Marimbondo – insecto da ordem *Hymenoptera*, pertencente à família das vespas. (*N. do E.*)

<sup>2</sup> Candengue – menino ou menina; criança. (*N. do E.*)

<sup>3</sup> Mulemba – árvore africana pertencente ao género *Ficus* (figueiras). (*N. do E.*)

horta onde a minha mãe plantava tomate, quiabos, alface, chá de caxinde, cebola, alho e couves, ao lado de uma capoeira com galinhas cabíris, cujo estrume alimentava as raízes das leguminosas.

3. Hawkins sem recursos cibernéticos, o meu sonho mais frequente era voar. Até aos vinte e cinco anos, não tive a experiência de caminhar. Só mesmo de voar. Voar agitando as mãos (como se realmente as possuísse), como quem nada de costas e empurra a água etérea do céu azul com gestos curtos, mas decisivos, me deslocando como um óvni carnal sobre as cabeças das pessoas. Mas nunca passei do cimo da copa das árvores. Voo de catete<sup>4</sup>.

A cada voo, havia um despertar e um espanto crónico. Essa sensação de voar dava-me um alento, uma euforia moral de ser como os anjos, muito maior do que a que me deu a Magui, a minha prima que me acalentou na candenguice<sup>5</sup>. Foi ela quem, com o excessivo dom da paciência, me fez conhecer coisas do mundo, me lendo e folheando as páginas com imagens de uma enciclopédia universal ilustrada em trinta tomos que o meu pai mandara vir de Portugal pelo correio, quando fiz dez anos.

Nessa fase da minha vida, a Magui, com uma paciência de anjo protector, me ensinou a ler, visto que escrever não podia, dada a ausência de braços e mãos. Fiquei maravilhado, quando, três meses depois, ela abria as páginas da enciclopédia e eu lia as coisas que existem neste mundo e as que existiram antes da nossa era. Quando o meu pai lia

---

<sup>4</sup> Catete – nome de pássaro de voo baixo.

<sup>5</sup> Candenguice – meninice.

o jornal na sala de estar, eu, do meu cantinho almofadado, conseguia ler os títulos da primeira página.

Depois do casamento da Magui, a minha mãe trouxe de Benguela uma outra miúda, a Sissi, pés que me andavam e mãos que me lavavam e me coçavam e enxotavam os mosquitos. Antes de partir para a nova vida, Magui ensinou a Sissi a ler nos meus olhos os símbolos da fome, da dor, da ansiedade, do sono e das funções biológicas.

4. Quando fiz dezoito anos, me deixavam uma hora do lado de fora do portão da rua a ver passar o mundo. Passavam estudantes com as batas brancas e a rua parecia uma garça semovente. Os operários nos seus fatos-macacos azuis, os colectores do lixo perseguindo o camião com as luvas postas e as máscaras protocolares, as zungueiras<sup>6</sup> com os ventres reproduzindo a prodigiosa espécie dos sem-terra e sem-pão e a minha rua virava uma ficção anticientífica.

5. Os meus olhos e essa rosa de porcelana que um dia não-sem-quem me plantou no barro húmido do coração escutavam pensamentos. Devido à introspecção permanente de me conversar comigo mesmo, acumulei, desde os remotos dias do leite materno, o dom de ler a vida dos outros. Também consigo cheirar coisas, insectos, animais e motores a mais de quinhentos metros. Se as pessoas desconfiassem, nunca passariam perto de mim. Na minha rua já vi passar e despassar mulheres da mais rara beleza. De algumas até lhes roubara o perfume de início de chuva

---

<sup>6</sup> Zungueira (do quimbundo, *kuzunga*, vender pela rua fora) – vendedeira ambulante.

no meio da floresta pública, de onde fui parido no dia 3 de Janeiro de 1974, um ano antes da independência.

6. Um dia, a minha babá, a tia Teté – depois vos conto como passei da Sissi, a tal que foi substituir a minha prima Magui, para a tia Teté – me levou à rua. Havia muito movimento, carros da polícia com os intermitentes azuis ligados, porque o ministro das Obras Públicas fora inaugurar, no cruzamento, uma ponte de onze milhões de dólares norte-americanos. Havia muitas polícias. Uma mulher completamente nua se aproximou do evento e começou a gritar obscenidades que o pudor e o respeito pelo leitor não me autorizam a detalhar, segurando o púbis peludo. Chegaram ao pé dela dois polícias, arrastaram a mulher para o outro lado da rua à minha frente, algemaram ela num poste de luz e começaram a lhe dar porretes no rabo. Eu comecei a chorar para dentro. Uma senhora mais velha que ia a passar é que gritou para os polícias,

Camaradas, vocês estão a ver que a mulher sofre da cabeça, estão a lhe bater porquê?

Aí, os polícias pararam de bater na pobre coitada e eu parei de chorar para o meu coração já cheio do sal da dor daquela mulher sem cabeça.

7. A tal ponte não devia valer mais de setecentos mil dólares, pelos cálculos do meu irmão Joaquim. O meu irmão Joaquim estudava para ser jornalista de investigação, repetia para o meu pai, que lhe desenhara um futuro engenheiro.

O governo tem assim tanto dinheiro para gastar à toa?, perguntava ele em jeito retórico, à hora do almoço.

Me pensei sozinho; se o governo me patrocinasse dois braços biónicos na Alemanha, então já podia me matar. A tiro de pistola. Ou enforcado nos barrotes do quarto. Depois reconsiderava, adquiria uma pitada de mel optimista e dizia para o meu umbigo, Ou talvez, quem sabe, poderia estudar, abrir eu próprio os livros como os meus irmãos, escrever o livro da minha própria vida e vender um milhão e meio de exemplares, quem sabe, quem sabe, a vida é uma caixinha mágica de surpresas...

8. Na rua a ver aquela brincadeira de mau gosto do ministro das Obras Públicas, me lembrei das palavras que a Magui me lia, a partir dos meus nove anos, antes da enciclopédia. Ela me lia uma Bíblia com imagens desenhadas a preto e branco no início de cada capítulo. Sentava na margem do meu colchão e lia: «*Génese, capítulo I, versículo 1: No princípio, criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia.*» Como eu. Então senti dentro de mim mesmo os céus e a terra, deu-me essa sensação cósmica, não sei ao certo porquê, ele há coisas e fenómenos que muitas vezes nenhum de nós consegue discernir. Sem forma e vazio.

9. Até aos cinco anos fui gordo, como a rotunda do Camama, onde as zungueiras fazem praça de chão, vendendo tudo o que se importa e pouco do que o país produz no campo distante. Um dia, a minha mãe levou lá a casa o médico (o médico ia sempre lá a casa, para a minha mãe não ter de explicar às pessoas, Ah, o coitadinho do meu filho